

DOI: [10.20396/rfe.v14i3.8671180](https://doi.org/10.20396/rfe.v14i3.8671180)

O que é que se sente diante de σοφία? - amor cristão, amor pagão, amores avulsos

Pedro Mentor¹Hilan Nissior Bensusan²

Resumo

O seguinte ensaio trata da filosofia do amor desde antes do cristianismo, na Antiguidade Clássica. Partimos do pressuposto que a palavra ‘filosofia’ tem uma dívida não apenas etimológica, mas conceitual com as definições de amor, de forma que se faz pertinente uma investigação mais detida sobre o assunto. Talvez a filosofia do amor seja a própria filosofia já que ela invoca uma certa atitude com respeito a σοφία, à sabedoria (e ao conhecimento) e a toda essa vizinhança muito explorada, mas que por si mesma é digna de consideração quando se considera o amor ele mesmo. Começamos com a interpretação cristã de C.S. Lewis sobre a Afeição, Amizade, Eros e Caridade para em seguida introduzir a visão pagã greco-romana e suas possíveis derivadas. Concluimos com a indagação sobre o amor ser outra coisa que uma definição estanque ou indeterminação abstrata.

Palavras-chave: Amor. Filosofia do Amor. Variedades do Amor.

ABSTRACT:


The following essay deals with the philosophy of love since before Christianity, in Classical Antiquity. We start from the assumption that the word 'philosophy'

¹ Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade de Brasília . Especialista em Ensino de Humanidades e Linguagens pelo Instituto Federal de Brasília, em Docência do Ensino Superior e Metodologias Ativas de Aprendizado e em Docência e Performance na Educação à Distância pela plataforma Descomplica. Graduando em Letras Português/Inglês pela União Brasileira de Faculdades, graduado em Filosofia pela Universidade de Brasília. E-mail: pedrofariasmentor@gmail.com

² Doutor pela University of Sussex. Mestre pela Universidade de São Paulo. Graduado em Filosofia pela Universidade de Brasília. Atualmente é professor adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília. E-mail: hilantra@gmail.com

owes not only an etymological but also a conceptual debt to the definitions of love, so that a more detailed investigation of the subject is pertinent. Perhaps the philosophy of love stops nowhere short of philosophy itself, since it invokes a certain attitude towards σοφία, wisdom (and knowledge) and all that much explored neighborhood which is nevertheless worthy of attention when love itself a concern. We begin with C.S. Lewis' Christian interpretation of Affection, Friendship, Eros and Charity and then introduce the Greco-Roman pagan view and its possible derivatives. We conclude by asking whether love is anything other than a watertight definition or abstract indeterminacy.

Keywords: Love. Philosophy of Love. Varieties of Love.

É muito comum que a filosofia seja introduzida em conexão com o significado etimológico da palavra *Φιλοσοφία*. Em grego, *Φιλοσοφία* aponta na direção de um ‘amor à sabedoria’. Esse amor, ao contrário do comumente imaginado, não é aquele que associamos aos romances e às comédias; na verdade, *φιλία* (*philia*) se aproxima mais da querência que sentimos pelas nossas amizades, enquanto *σοφία* (*sophia*), palavra derivada do egípcio  (seba), possui uma conotação de conhecimento a ser perseguido com afinco. (Cf. SOMET, 2019). Para a maioria das pessoas, a filosofia é a tradição de pensamento e conduta de vida que nasce e se desenvolve em busca dessa Sabedoria; se dedicar ao fazer filosófico nada mais é que brincar com essa grande biblioteca-laboratório que é a investigação da natureza e dos meios de encontrar e praticar essa Sabedoria.

Quando comparado com os longos escritos ao redor dessa, entretanto, o amor parece ser uma questão menor. Os filósofos investiram e parecem investir cada vez menos esforços na sua investigação. Isso talvez se deve, em parte, ao fato de que o Amor é volúvel, oblíquo e oximoroso, enquanto a Sabedoria é firme, sólida e evidente. Ou assim parece. Mas talvez se o amor é instável, a sabedoria deixa de ser tão bem fincada. Do ponto de vista histórico da chamada racionalidade ocidental, o Amor parece indicar uma certa disjunção ou ambiguidade a ser recalcada por qualquer projeto de

pensamento que se pretenda claro, direto e possível, de modo que durante muito tempo a Filosofia (na sua expressão ocidental, pelo menos) ao tentar alcançar a Sabedoria, se desenvolveu como uma arte de exorcizar e domesticar o Amor, reiteradamente.

Mas o tema do Amor ainda consegue chamar muito atenção.

No século XX, nenhum outro escritor conseguiu maior recepção tanto entre acadêmicos como entre leigos ao falar do tema quanto o famoso autor de *As Crônicas de Nárnia*. Em 1960, quando publica o que talvez seja seu livro de não-ficção mais famoso — *Os Quatro Amores* — C.S. Lewis elenca quatro formas de Amor existentes. Seu argumento central é que, para ser reconhecido enquanto tal, o Amor deve ser um serviçal da conduta cristã na sua pretensão de coincidir a atitude ética com o louvor a deus.

Segundo o inglês, o amor é o laço que ata as coisas, as pessoas e deus, podendo ser saudável quando direcionado a consagração da providência e do próximo e doentio quando apenas demanda egocentricamente. E por não ser inteiramente uma dádiva, ele pode ser eticamente dúbio, isso porque a necessidade que o compõe pode levá-lo ao egoísmo, tornando-o despótico quando se esquece de trilhar o caminho da temperança e da fé cristã.

O amor possui uma natureza dupla, sendo ao mesmo tempo uma necessidade e uma dádiva. O amor-necessidade é aquele que reflete a natureza imperfeita da humanidade em sua busca por algo que satisfaça seus limites (Mt. 11:28), enquanto o amor-dádiva é a entrega, a plenitude e a infinidade da clemência divina (Jr 31:3 e Ap. 1:8). Podemos analisar essa duas facetas em dois tipos de relações, a primeira entre humanidade e deus e a segundo da humanidade consigo mesma. Do ponto de vista da relação criatura/criador, o amor é a falta pela qual a humanidade se reconhece dependente de algo maior que si mesma, bem como a forma de se aproximar dessa coisa faltante — deus — em humildade e servidão; já da parte de deus, o amor é a graça doada em bondade eterna e sem exigência de retorno. Do ponto de vista da humanidade para consigo, o Amor se apresenta como uma necessidade quando compreendemos que precisamos uns dos outros (1 Jo 4:7) e se torna doação quando imitamos deus em atitudes de generosidade.

Decorre, então, que existem três amores naturais, isto é, humanos, que são Afeição, Amizade e *Eros*, que podem se tornar tiranos e um que sempre é divino, a Caridade (1 Co 13:13). Em diálogo com sua irmã Blanche, Elizabeth Costello em Elizabeth Costello, *The humanities in Africa* (COETZEE, 2004) considera as diferenças entre *eros* e *agape* de um lado e *caritas* de outro para concluir, em parcial consonância com Lewis, que os gregos não tinham palavra para certo tipo de amor. Elizabeth Costello considera isso no contexto da África onde tanto *eros* e *agape* quanto *caritas* aparecem como estrangeiros que se passam por universais.

De todo modo, seguindo Lewis, a experiência humana da Afeição é aquela que mais se aproxima das dos animais, por isso, esse é o amor mais simples e universal. Sua imagem exemplar é a da mãe amamentando seu bebê ou da cadela com seus filhotes. Sendo humilde e indiscriminada, podemos senti-la mesmo por pessoas que não possuímos qualquer afinidade aparente, se estendendo para além das relações familiares, ignorando diferenças de idade, educação, classe e mesmo espécie. Um gato que vemos na mesma rua seguidas vezes, um porteiro de escola que sempre esteve lá quando pequenos, uma árvore que apesar das intempéries continua na esquina a qual passamos todos os dias são exemplos de coisas que podem ser revestidas de afeição. Isso porque ao contrário da amizade e do romance, a afeição se instala antes que tenhamos consciência de sua presença e cresce com o passar dos dias, ocupando um espaço em nossos corações que sequer pensávamos existir.

Nossa personalidade e preferências quando afeitas por algo passam do estado de suspeita para o da atenção, em seguida tolerância, gosto e finalmente apreciação. É através dela que certas idiossincrasias podem ser ultrapassadas, porquanto as coisas e as pessoas que sentimos afeição não desejamos mudar, mas observá-las por elas mesmas, sendo “[...] mais estranhas do que você poderia supor e muito mais dignas do que você poderia imaginar” (LEWIS, 2017, p. 38). Por certo, ela não se guia — quando se encontra na melhor forma — pelas regras da etiqueta necessária para o mundo público, preferindo a sutilidade e o compromisso de quem se depreende do egoísmo em favor do outro, sem vontade de ferir, humilhar ou dominar,

consequentemente não tem maneirismos de comportamento. Enfim, a afeição tem a função de ampliar nossa mente e moralidade em razão de não esperar reciprocidade, ao passo que também ensina bondade onde não presumimos encontrar. Por isso dizemos que a afeição é guiada muito mais por um senso de familiaridade do que pelo senso de novidade.

Porém, por ser humana, a Afeição precisa realizar suas obras com esmero. Enquanto doação, a Afeição necessita trabalhar no sentido de sua própria abdicção, nosso objetivo deve ser auxiliar a próxima apenas na medida do saudável — desejar ser sempre necessária é sinal de irracionalidade e desmedida. A doação da Afeição há de ter bom senso e ser desinteressada. Ora, sendo entre os amores o mais passível de ser universal, todas desejam tornar-se um objeto de afeição, mesmo que isso não corresponda à realidade dos fatos. Por ser tomada como natural, embutida e imposta pela necessidade, muitas vezes acreditamos ter o direito de tê-la sem qualquer esforço. Mas a intimidade que possibilita as bonanças da afeição é a mesma que pode arruiná-la, envenenando e contornando a relação das envolvidas por uma grossa camada de repulsa e raiva tão poderosas quanto o amor que poderia ali existir. Assim, a demanda por afeição pode desviá-la de qualquer possibilidade ser uma dádiva. Tal revés, assim como a afeição, não percebemos quando se inicia: no filme de Kantemir Balagov, *Uma mulher alta* (2019) acompanhamos a “amizade” de Iya (Viktoria Miroshnichenko) e Masha (Vasilisa Perelygina) em plena Segunda Guerra na Rússia quando Iya mata o filho de Misha em um momento de surto, tornando-se gradativamente uma espécie de escrava da amiga, não apenas pelo infanticídio que cometera, mas em retribuição a toda estima e favores anteriores prestados. Até mesmo o casamento de Iya se torna alvo dos interesses de Misha, a ponto de obrigá-la a ter um filho. Deixando claro que a violência, a cólera e a dependência são os únicos traços constitutivos dessa relação, aquilo que de fora seria visto como afeição, não passa de um ressentimento que jamais pode ser desfeito. Uma mulher alta demonstra que a Afeição pode gerar auto-piedade e culpa e por estar embasada no costume, se torna ciumenta, competitiva e destrutiva.

Sozinha a Afeição não se sustenta: sua felicidade precisa ser acompanhada de decência e reciprocidade.

Em contrapartida, a Amizade é o amor mais difícil de se experimentar na vida, de fato algumas pessoas passam por toda a existência sem conhecê-la. Isso porque ela é menos instintiva e pouco emocionada. Sem Eros não procriamos e sem Afeição não somos criadas, mas podemos viver tranquilamente sem a Amizade: provavelmente por isso que dentre os quatro é a mais esquecida e menos comentada. A liberdade é o substrato dela, pois não sendo necessária, as alianças formadas se sustentam por outros meios. Comparada às enamoradas, que investem horas falando de si e de seu relacionamento, a amizade explora as outras facetas das envolvidas. Devido ela ser a menos ciumenta dos amores, “dois amigos se alegram quando um terceiro se junta, e três quando um quarto se une a eles, desde que o recém-chegado esteja qualificado para se tornar um amigo verdadeiro” (LEWIS, 2014, p. 56), manifestando uma semelhança com o próprio paraíso onde as abençoadas e os anjos dividem e aumentam a fruição que cada um possui por deus.

Amar por meio da Amizade é encontrar alguém que vê a mesma verdade que nós, uma verdade pouca considerada ou aceita pela maioria das pessoas, mas que reluz intensamente para quem se atenta ao seu brilho. Há nisso uma intimidade complexa, um silêncio impregnado de significados. Tal como viajantes de uma jornada que não sabem o destino, as amigas reforçam o valor dessa caminhada porquanto a trilham conosco. A amizade, enfim, não diz respeito às contingências que as amigas passam, e sim às transformações e às descobertas de si e dos outros estimuladas pelos camaradas, como podemos observar no caso de Elizabeth Bennett e Charlotte Lucas em *Orgulho e Preconceito* (1813), de Jane Austen.

Deve-se tomar cuidado, porém, com a diferença entre companheirismo e amizade. A segunda surge depois do primeiro, quando as companheiras descobrem algo em comum — normalmente um interesse, percepção ou gostos — que as demais companheiras ou desconhecidas não partilham. O momento da transição de um estado para outro é como uma eclipse em que

passamos a compartilhar uma imensa solidão que até então julgávamos exclusiva... Se as amantes buscam a privacidade, as amigas já se encontram em exílio, mas já não tão sozinhas.

A amiga é um aliado na necessidade, doando, emprestando e apoiando-nos em momentos difíceis. Mas essas atitudes não são os meios de avaliar uma amizade, porque são resultados de cenas circunstâncias da nossa vida. Na verdade, essa ajuda amiga é quase embaraçosa, pois a Amizade se encontra livre das necessidades que caracterizam a Afeição. A melhor forma, de fato, de avaliar a amizade é o pronto esquecimento depois da ajuda, porque ela não é inquisitiva ou indenizadora. Muito pelo contrário, a Amizade pouco se importa com as condições físicas, familiares, empregatícias, o passado ou as associações justamente por não existir qualquer obrigação que sejamos amigas umas das outras. Ela é desnecessária, sem valor de sobrevivência último, similar a filosofia e tantas outras coisas.

Por elevar nosso espírito a tamanho estado de felicidade, livre da necessidade, da inveja e das obrigações — fora aquelas que esse amor firmou compromisso -, ela muitas vezes é confundida com a comunhão perfeita, desejada por deus. Mas é aqui que habita o perigo. Segundo Lewis, nas escrituras a palavra amizade raramente aparece como modelo representativo do amor entre deus e a humanidade — a Afeição é tomada quando deus aparece como pai e *Eros* quando Cristo surge como noivo da igreja. Por que? Porque a Amizade sempre é uma espécie de secessão, análoga à rebelião entre poucos contra os muitos, mesmo quando os primeiros estão terrivelmente equivocados. Exemplos abundam: os bons se afastam da maldade social, da mesma maneira que um grupo de sectários pode se apartar do altíssimo.

A Amizade pode ser uma escola de virtude, como também pode ser uma escola de vício, tornando os homens bons em boníssimos e os maus em maléficos. Famosos são os versículos “não se deixem enganar: as más companhias corrompem os bons costumes” (1 Co 15:33) e “aquele que anda com homens sábios será sábio, mas um companheiro de tolos será destruído” (Pr 13:20), ou o ditado popular “diga-me com quem andas e eu te direi quem tu és”. As amizades relegam a opinião externa à indiferença — tendo ou não

bons motivos para tanto, levando as envolvidas a apatia total em relação àquelas que não pertencem ao círculo. Algumas tribos sociais funcionam sob essa lógica e a levam ao extremo, como são os skinheads, garantindo privilégios e segurança enquanto exportam a violência e a crueldade para o restante da sociedade. Embora a boa amizade sempre se sinta humilde em relação aos demais, se não vigiada toma contornos de orgulho corporativo, onde somos tomadas por uma vaidade por conhecer e manter relação com essas pessoas que acreditamos ser distintas. O esnobismo por se achar associado a uma elite substituí a saudável modéstia. Com o pedantismo cada vez mais explícito, o grupo se torna uma pequena oligarquia auto-eleita, em constante auto-aprovação e auto-referência.

E é por ser o mais espiritual dos amores, o que mais se aproxima dos anjos, é o que mais corre risco de cair em desgraça. Se a Afeição e Eros possuem inimigos mais próximos da nossa realidade material, a Amizade tem como inimiga a crença de ser uma recompensa dos nosso bom gosto. Revestida por deus com a responsabilidade de revelar por meio de cada um de nós as qualidades dos demais, o Amizade cumprirá seu papel enquanto lembrar que todos os atributos — nossos ou de outrem — são derivados e encaminham-se para a força superior.

Já *Eros*, ao contrário do senso comum, não é desejo sexual. A atividade sexual — ou *Vênus*, como o autor prefere nomear — pode operar com ou sem *Eros*. Ele não é a sexualidade compartilhada entre o reino humano e o reino animal, mas uma variação espiritual que acontece dentro do amor. Sem *Eros*, *Vênus* é como qualquer desejo, mas dentro dele, por meio dele, se torna um artifício de expressão e percepção do objeto amado.

Para o inglês, o aspecto sexual associado a *Eros* não é inteiramente mau porque, ao contrário das exortações medievais feitas por celibatários, quando os dois elementos estão em harmonia há uma redução do carácter importuno e vicioso do apetite. “Não há dúvida, ele tende à uma preocupação com a pessoa amada que pode ser, de fato, um obstáculo para a vida espiritual; mas não primariamente uma preocupação sensual.” (Lewis, 2014, p. 83) Em outras palavras, embora não se confunda com *Vênus*, *Eros* é capaz de

diminuir seu desejo e contribuir para a abstinência, portanto a primeira é a expressão carnal do segundo, este por sua vez, se dedica muito mais às questões do espírito.

Ele é um tipo muito especial de apreciação que investe no objeto amado todos os prazeres possíveis, materiais e espirituais. Quando amamos por meio de Eros, nossos pensamentos e atitudes se preocupam com a pessoa em sua totalidade e singularidade, ignorando comparações com outras situações ou sujeitos. Enquanto amor-necessidade, ele tem o poder de se auto-superar, “no seu ponto mais intenso, vê o objeto como algo admirável em si, muito mais importante que sua relação com a necessidade do amante” (LEWIS, 2014, p. 82). Por isso dizemos que Eros tem a incrível habilidade de dissolver nossas vontades e egoísmo no objeto amado — apagando as distinções entre o dar e o receber. E é justamente nessa grandeza que *Eros* pode semear a dor. Enquanto uma parte se doa, desprende e esquece de si (traços positivos), a outra pode explorar, ser cruel, desonesta e a traidora em nome do mesmo amor (traços negativos). Sob o julgo erótico, as maiores infelicidades conjugais arrastam vidas, famílias e gerações inteiras.

Por ser semelhante a deus, *Eros* faz da Caridade algo mais palpável, posto que, quando apaixonadas, fazemos de tudo para a outra, sem limites, tal como deus deseja que façamos com o restante da humanidade. E talvez por ser o mais mortal dos amores — no sentido de ser aquele que mais tem tendência a desaparecer ou morrer -, ele é o que mais atenta a autoridade de deus. Capaz de enganar nossa razão por meio de juras de fidelidade eternidade aos amantes — supostamente tão ou mais poderosas que aquelas firmadas com deus -, *Eros* sempre falha porque seu esforço e suas promessas esbarraram na finitude e na franqueza das amantes.

Ao fim e ao cabo, esse amor está na exata medida da neutralidade, podendo ser maldoso e benfeitor com maior ambiguidade que os demais. Ao mesmo tempo que proporciona uma experiência arrebatadora, que nos muda e nos move, ele também aponta para os pactos suicidas (Romeu e Julieta) e assassinatos (Bonnie e Clyde), confundido o limiar do amor e pecado em um piscar de olhos.

A Caridade, por fim, é o verdadeiro e mais puro tipo de amor, assim sendo o paradigma da natureza donativa de deus. Nela não há necessidade e sim fartura que deseja ser repartida e multiplicada. Quando desejamos o melhor para alguém, quando agimos exclusivamente para o bem-estar e aperfeiçoamento da outra, estamos sob as inspirações da Caridade. Essa próxima que não é a mesma sujeita amada em Eros ou na Amizade, pode ser toda e qualquer uma — familiares, amantes, amigas, desconhecidas, doentes, inimigas, zombeteiras, assassinas ou qualquer uma que jamais seria revestido pela estima e cuidados dos amores naturais. Isso porque amar a próxima e a deus por meio da Caridade é amar de uma forma que nenhum dos amores naturais seria páreo em força e pureza. Por isso Cristo exorta a transformarmos a máxima moral “amar o próximo como a ti mesmo” em “amar-vos uns aos outros como eu vos amei”.

Por deus amar incondicional e indiscriminadamente, sua caridade aparece onde não esperamos encontrá-la: ela se faz presente, pelas nossas mãos sem que, em alguns casos, tenhamos qualquer ciência de que imitamos o maior dos atos do criador.

No cristianismo, Afeição, *Eros* e Amizade podem facilmente passar por uma degeneração e se converterem em demônios. É por essa razão que elas devem estar subordinadas à Caridade. Por meio dela são enobrecidos, purificados de seus vícios e tomam a verdadeira forma que lhes pertence, caso contrário, se abandonados à própria sorte, se transformam em seres odiosos e tristes. Por essa razão, a Caridade é o amor mais especificamente cristão: apenas as tementes ao deus cristão podem compreender e praticá-la corretamente (do e ao crente, o maior dos amores). Todos os objetos dos amores naturais perecem — a amiga, as espécies de companhia, a amante, as mães —, o único que deve ser amado sem reserva é aquele que jamais partirá, deus.

Seguindo o movimento textual e o raciocínio de Lewis podemos concluir que “quem não ama não conhece a deus, porque deus é amor” (1 Jo 4:8), ou melhor, não há qualquer definição de amor que não seja teleológica e muito menos cristã. Aparentemente, falar sobre o amor é remeter

forçosamente a tradição bíblica e apologética. A narrativa da expulsão do diabo serve de imagem para o tipo de evento que acontece quando os amores são desvirtuados e não seguem as demandas cristãs. Segundo a exposição mais famosa do mito, feita por Agostinho de Hipona em *A cidade de Deus* a partir de Isaías, 14: 12–15, no momento em que deus fez a luz, todos os anjos foram criados e com eles as trevas (entendida como falta de luz e não como algo em si) e, embora não as aprovasse, permitiu a livre escolha dos seres celestes em segui-las ou não; Lúcifer em soberba e inveja se aproxima delas, decidindo destronar o altíssimo, que o expulsa dos Céus para todo o sempre, estabelecendo uma guerra que atravessa todo o cosmo do bem contra o mal. Assim como os anjos criados para intermediar as relações entre deus e os humanos, os amores podem perverter suas tarefas e se passarem por deuses.

Porém, se deixássemos a tradição cristã de lado por um momento, como explicaremos o Amor? Lewis tem o mérito de ter popularizado entre os contemporâneos as “taxionomias” do amor, mas há alguma possibilidade de falar do amor sem estarmos em débito com o cristianismo?

Outros crentes escreveram sobre o tema do amor antes e depois de Lewis, adicionando ou corrigindo aquilo que poderia favorecer ou obscurecer o reto caminho em direção ao que acreditavam ser o amor supremo. Assim, se tornou um procedimento cada vez mais comum entre os filósofos cristãos olhar para o passado, para o período anterior ao nascimento de Jesus, interpretando as ideias de Platão, Aristóteles, Epicteto e tantos outros como prenúncios de uma sabedoria que só tomaria corpo de fato com o advento da boa nova. A história, não sendo nada mais que a narrativa do pecado e da salvação — com começo, meio e fim -, precisaria ser interpretada como uma só, forçando seus defensores a encararem as sabedorias passadas sob um prisma mais próximo da aglutinação do que da indiferença. Evidentemente os erros dos antepassados seriam de inteira responsabilidade de sua ignorância, ainda não devidamente iluminada pela sabedoria divina — rendendo aos grandes sábios uma moradia escura mas sem torturas no primeiro círculo do Inferno de Dante, chamada Limbo -, enquanto os acertos seriam pequenos

acordes de uma canção ainda a ser cantada por Cristo. Pierre Hadot é claro quando diz que:

Essa assimilação começou com os autores cristãos do século II que são chamados de apologistas, particularmente Justino. Para opor essa filosofia que, aos seus olhos, o cristianismo é à filosofia grega, eles a chamam de “nossa filosofia” ou “filosofia bárbara”. Eles não consideram, porém, o cristianismo como uma filosofia ao lado das outras, mas como a filosofia. O que se encontra disperso e fragmentado na filosofia grega está sintetizado e sistematizado na filosofia cristã. Para eles, os filósofos gregos possuíam apenas parcelas do Logos, mas os cristãos estão de posse do próprio Logos encarnado em Jesus Cristo. Se filosofar é viver em conformidade à lei da Razão, os cristãos filosofam porque vivem em conformidade à lei do Logos divino. (HADOT, 2014a, p. 70)

Essa leitura que entende o que hoje chamamos de religião como filosofia, entretanto, não é exclusividade do cristianismo: a herança judaica já era tomada por Filo de Alexandria como uma patrios philosophia, isto é, como uma filosofia tão legítima como as demais, só que pertencente ao povo judeu (sobre algumas transformações entre o judaísmo e o cristianismo ver COSTA, 2015). O que torna a filosofia cristã uma peculiaridade, a princípio, é a incorporação da paidéia (a educação), da proschê (atenção a si mesmo), da eulabeia (prudência) e de tantos outros conceitos de origem platônica, epicurista e estóica no seu projeto de evangelização.

A filosofia para os antigos era que um conjunto de exercícios espirituais, ou seja, uma terapêutica da alma preocupada em transformar a visão de mundo e metamorfosear o ser daquele que a praticava, se configurando sobretudo como uma maneira de viver (Cf. HADOT, 2014, pp. 19–66). Com a chegada do cristianismo veremos uma espécie de sincretização dessas práticas com os ensinamentos e as interpretações bíblicas emergentes. A fé no verbo divino será conjugada com a lei da razão helênica, onde o *Logos* do Evangelho de João progressivamente incorporará tanto a

Razão cósmica do estoicismo quanto o Intelecto aristotélico-platônico. Mais tarde, à medida que a dimensão dos exercícios são esquecidas nas universidades, a filosofia se torna uma “serva da teologia”, fornecendo material conceitual e sendo relegada a atividade puramente teórica e abstrata. Se essa nova roupagem é uma helenização do cristianismo ou uma cristianização da filosofia grega, não podem determinar com precisão, mas para Hadot, a teologia medieval sem dúvida reduziu o filosofar a um papel puramente especulativo e até mesmo desnecessário em seus aspectos práticos (Cf. Idem, *ibidem*, pp. 267–268).

De qualquer forma, uma interpretação atenta a esse percurso encontrará dois gestos curiosos: o primeiro é de que não apenas a filosofia, mas o amor sofreu tentativas de amansamento ao longo da história européia-cristã — sendo o Tratado do Amor Cortês, de André Capelão um exemplo textual oportuno — e o segundo, que certas concepções centrais do cristianismo podem ser desarticuladas de sua teologia-metafísica, operando em outra lógica e com outros fins, se valendo de instrumentos similares aos usados por ele em relação às tradições anteriores (sobre as disputas entre as filosofias greco-latinas e o cristianismo conferir JAEGER, 2014; HADOT, 2014b, OLIVEIRA & SCHILLER, 2020; SOUZA, 2014). Na Filosofia grega, por exemplo, o amor não necessariamente se divide hierarquicamente, ou possui uma natureza serviçal como Lewis insiste, nem poderia em todos os casos ser identificado na figura de um deus sábio, perfeito e piedoso — muitas vezes, na verdade, ele poderia se aproximar do seu oposto: filósofo, rude e maledicente.

O vocábulo grego-latino é mais extenso que outras línguas para se referir ao amor. *Eros*, por exemplo, pode parecer associado *ftonos* – a inveja, o ciúme – o que geraria a possibilidade de uma ftonosofia (ver BENSUSAN & BARREIRO, 2012) ou mesmo de *Eris*, a discórdia que se associa às vezes à conquista (BENSUSAN & ANTUNES, 2012). O amor pode aparecer como domínio, mas aqui esta possibilidade fica talvez escrita no texto grego ao invés de ser legada ao impensado. Entre os gregos, além de *Eros*, *Ágape*, *Storge* e *Filia*, existem também *Filautia*, *Ludus*, *Mania* e *Xenia*. (E a filosofia

não se configurou como *manisofia*, como *ludosofia* e nem *storgesofia* e nem mesmo se reconhece como algo assim como uma *xenosofia*.) A respeito dos quatro primeiros é importante destacar que eles não coincidem totalmente com a apresentação feita por Lewis. Afinal, como um bom cristão, o inglês dificilmente confiaria numa leitura isenta do exame bíblico. Assim, temos que:

Storge (Στοργή)- a Afeição — se refere ao instinto afetivo de mães e pais para com sua prole, surge do interior de cada uma e por isso é considerada uma obrigação natural. É um sentimento tranquilo e permanente que sentimos quando estamos perto de alguém que nos faz bem. Não tendo, todavia, nenhuma conexão aparente com relações externas a família (Cf. Four Greeks Word for “Love”; HELM, 2021; LIDDELL & SCOTT, 1940; MARINOFF, 2000).

A *Filia* ou *Filos* (Φιλέω ou φίλος) é a Amizade, o amor sociável, que responde à bondade e a apreciação. Também pode ser traduzido como amabilidade e simpatia que envolve tanto o dar como o receber quando nossos corações são impelidos pelas qualidades de outrem. Aquelas que são revestidas por esse amor chamamos de confiável ou querida, já que a amizade é baseada na lealdade e na confiança. E ao contrário de Eros, a amizade está relacionada puramente à inteligência, resultando que nessa categoria podem ser amadas membros da família, parceiras de negócios e até mesmo a pátria. Nos Elogios de Helena, Isócrates a interpreta como força da natureza que une tanto discordância quanto movimento (Cf. Four Greeks Word for “Love”; HELM, 2021; LIDDELL & SCOTT, 1940; MARINOFF, 2000).

Eros (ἔρως ou Ἔρως) não é apenas a rainha da sexualidade, como de todos os apetites humanos (como os da bebida e da comida). Ele procura receber e fica amargurado e ressentido quando não consegue o que deseja. É o desejo e a vontade de aquisição. Outra definição é “alegria apaixonada”, talvez mais ligada à leveza que esse amor procura viver. A apresentação feita por Platão em *O Banquete* aproxima de *Eros* a falta da beleza, tornando-o em *daimon* dependente e conseqüentemente um tipo de amor condicional que pode ou não se preocupar com a beleza física da amante, porquanto o que

importa é a beleza da alma embebida na verdade espiritual (Cf. Four Greeks Word for “Love”; HELM, 2021; LIDDELL & SCOTT, 1940; PLATÃO, 1972).

Ágape (Ἀγάπη ou Ἀγαπάω) ou Caridade não aparece muitas vezes fora da Bíblia, mas tem uma conotação de prazer em ver e fazer o bem-estar à outra, mesmo na ausência da reciprocidade. Ela é fraternal, benevolente, relacionada aos banquetes cordiais e por isso poderia ser pensada como o sentimento de compaixão que temos para com as pessoas que não temos amizade ou romance (Cf. Four Greeks Word for “Love”; LIDDELL & SCOTT, 1940).

Filautia (φιλαυτία) tal como os demais amores pode ter uma conotação boa ou ruim, ora se referindo ao amor próprio ora ao egoísmo. Parte dos antigos considerava o amor-próprio um desejo ardente de obter prazeres pessoais, dinheiro e honrarias públicas em demasia. Outros, como Aristóteles consideravam que os sentimentos amistosos que sentimos com a próxima não passam de extensões dos sentimentos que temos para conosco mesmas; por isso insistia no fato de que, para possamos amar outrem, devemos ter um equilíbrio entre o reconhecimento das nossas imperfeições e consideração para com os nossos talentos. Sêneca na Carta 35 toma a filautia como busca de si, isto é, como um desdobramento do autoconhecimento necessário para que o logos mais profundo possa equilibrar o espírito. Tal discussão atravessará os tempos, tornando-se o ponto central para a filosofia renascentista de Giordano Bruno, que a entende como fundamento de todos os vínculos, e para Spinoza, que a coloca como a beatitude suprema no momento em que alma humana se reconhece atada ao pensamento de deus. (Cf. AQUINO, 2016; BOMBASSARO, 2020; FERRAZ, 2014; LEXICO)

Quando falamos de relações articuladas por meio da diversão, estamos falando de *Ludus*. É dela que vem a palavra lúdico. Normalmente é encontrada entre as pessoas mais jovens, e provavelmente associada às crianças por ser também o espaço particular fora de casa onde um professor ensinava meninos e algumas meninas dos 7 aos 11 anos na Roma Antiga. O flerte (Ερωτοτροπία) com suas brincadeiras provocativas, paqueras livres,

animação e até infantilidade talvez seja uma forma de ludus. No teatro grego, em contraste com a *paidia*, *Ερωτοτροπία* era visto como algo alegre, impositivo e quase sempre movido por uma natureza anárquica e caprichosa, muitas vezes se mostrando arbitrário e em constante tédio (Cf. WIKTIONARY; RAUEN, 2008).

Recai sobre a *μανία*, sem sombra de dúvidas o posto maldito. Suas traduções normalmente estão carregadas de más conotações: Mania, Frenesi, Loucura, Delírio, Entusiasmo, Compulsão e Alegria. Ou talvez ela se aproxime da pura inveja, como na empreitada da ftonosofia. No Fedro, Platão evoca *μανία* como o meio pelo qual os oráculos poderiam predizer o futuro para ajudar a cidade em momentos difíceis, dando origem às artes mânticas e, contrariando as acepções negativas modernas, é um dom divino, provido pelas Musas. No teatro, ela está relacionada a Dionísio, sendo responsável pelo estado de embriaguez que afasta a pessoa das convenções e invoca o instante, o momento fugaz da vida que devemos nos ater. Próximo à chegada dos fantasmas, a mania é a imersão na animalidade que o êxtase provoca na presença do divino. Provavelmente é por isso que a mania é considerada uma obsessão que fantasia com o objeto amado, capaz de alterar profundamente o senso de realidade enquanto constrói outro (Cf. LIRA, 2018; NEPOMUCENO, 2017; SERRANITO, 2008; WIKTIONARY).

E por fim, um dos mais curiosos amores: *Xênia*. A palavra que aparece como o fio condutor da Odisséia pode ser traduzida como hospitalidade ou generosidade e desempenhava uma função nevrálgica na cultura grega. Naqueles tempos, era comum a preocupação de que um estrangeiro ou mendicante pudesse ser um deus ou deusa disfarçada e, para não correr risco de serem amaldiçoados ou torcendo para que fossem abençoados, os gregos deveriam mostrar boas maneiras. Segundo Ben Potter em *The Odyssey: Be Our Guest with Xenia* (2013), a boa anfitriã deve seguir alguns preceitos como receber o visitante em sua casa, oferecer comida, bebida e um banho, ceder a cadeira mais confortável, se abster de qualquer pergunta até que a visitante esteja satisfeita e confortável, e dar-lhes um presente na hora da partida. Mais do que um conjunto de regras e costumes sociais, *xênia* era um ritual religioso

que envolvia tanto anfitriã quanto convidada, porque essa teria de ser respeitosa e divertida, não abusando das boas vindas e também oferecendo um presente quando possível.

Perante essa listagem, é difícil manter a crença de que o Amor se reduz ao romance das amantes, o afeto entre parentes e a fé em deus, que compõem nosso senso comum. E, se estou minimamente correto, de alguma forma extraordinária o Amor grego-romano conecta as enamoradas com as visitas de casa, nossa auto-compaixão com o desinteresse das amizades. Por isso que, a menos que recorramos ao despotismo, esses amores não parecem desejar uma unificação, o único traço compartilhado possível é a capacidade de todos desempenharem, ao mesmo tempo, um papel na relação entre as coisas e as pessoas, seja para uni-las, seja para separá-las, permanecendo em inconstância tanto ética quanto metafísica.

Exceções, obviamente, podem ser encontradas na Antiguidade. Em *O amor como estado da alma (páthos) em Plotino*, Loraine Oliveira (2013) demonstra que o filósofo neoplatônico acreditava existirem dois amores — um que seria um deus ou *daímon* (substancial) e outro que seria um estado da alma (relativo). Enquanto *páthos*, o amor está enraizado no sensível e se movimenta em direção ao que existe de superior. Não sendo estável, ele seria uma atividade, sempre em relação a algo, se convertendo em contemplativo apenas quando abandona o sensível e se volta ao Intelecto — transformando-se finalmente numa substância ontológica.

De qualquer forma, mesmo em casos como o de Plotino, pautar o amor na tradição ocidental oficial é gerar um desalento curioso. Suas contradições são insuportáveis e suas múltiplas faces precisam encontrar uma máscara (LEWIS, 2017, p. 38) unificadora, visto que um certo desconforto foracluído perpassa toda a discussão: o desconforto da possibilidade dele ser outra coisa que uma ordem superior ou o caos total. O amor pode não ser um gesto ou uma substância determinada, mas uma memória inelutável de algo que jamais se concretizou e que nunca deixa de se aproximar. Decerto ele não é derivado hierárquico e sim diáspora intermitente ainda a ser devidamente encarada.

Há um relativo silêncio do radical *filo-* na filosofia – e com ela do *ftono-*, do *xeno-*, do *agape-* de uma *agapesofia* que talvez possa ser entendido no seu desvio de tradução como algo em torno a uma caridade quanto à sabedoria. Isso poderia insinuar uma atitude que se coloca de alguma maneira fora dela sem procurar alcançá-la – mantê-la como algo que está do lado de fora. Porém o silêncio quanto a *filo-* aponta também para uma origem perdida na filosofia, uma perda que, mais do que inspirar uma recuperação aproximada, deveria inspirar um desconforto com aquilo que se alcança por meio do exercício filosófico. Talvez aí mesmo nesse desconforto esteja o amor – e talvez seja isso que a filosofia enquanto caminho cheio de errância pode instruir acerca do amor.

Referências

- μᾶλιστα. WIKCIONÁRIO o dicionário livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: <https://en.wiktionary.org/wiki/%CE%BC%CE%B1%CE%BD%CE%AF%CE%B1#Ancient_Greek>. Acesso em: 00.00. 0000.
- AQUINO, G. E. de. *A amizade nas cartas a Lucílio de Sêneca*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2016. (Dissertação de Mestrado). Disponível em: <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/20112>>. Acesso em: 07.10.2022.
- BENSUSAN, H. & ANTUNES, L. “Eros e Eris: Amor é abandono”, em BENSUSAN, ANTUNES & FERREIRA, *Heráclito: Exercícios de Anarqueologia*, São Paulo: Ideias e Letras, 2012, pp. 83-92.
- BENSUSAN, H. & BARREIRO, C. “Ftonosofia: Pensar e mover nas turbulências da inveja”, *VIS*, 11, 2, 2012, pp. 43-55.
- BOMBASSARO, L. C.. Giordano Bruno, ‘philautia’ e poder para criar e desfazer vínculos. *ANPOF — Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia*. Disponível em: <<https://www.anpof.org.br/forum/avaliacao-capes-2018/giordano-bruno-philautia-e-poder-para-criar-e-desfazer-vinculos>>. Acesso em: 07.10.2022.
- COETZEE, J. M. “The humanities in Africa”, em *Elizabeth Costello*, Vintage, 2004, pp. 116-155.

- COSTA, O. B. R.. A Sabedoria do Povo Hebreu em Oposição à Sophia Grega. Uma Análise do Impacto da Cultura Helênica sobre a Cultura do Povo Hebreu. *Páginas de Filosofia*, v. 7, p. 99–126, 2015. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/PF/article/view/6364>>. Acesso em: 07.10.2022.
- FOUR GREEK WORDS FOR “LOVE” — ADAPTED FROM PRECEPT MINISTRIES INTERNATIONAL. Disponível em: <<https://docslib.org/doc/2955773/four-greek-words-for-love-adapted-from-precept-ministries-international-multiply-1>>. Acesso em: 07.10.2022.
- HADOT, P.. *O que é filosofia antiga?*. 6 ed. Trad.: São Paulo: Edições Loyola Jesuítas. 2014.
- HELM, B.. Love. *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Publicação: 08.08.2005 com revisões em 01.09.2021. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/entries/love/>>. Acesso em: 07.10.2022.
- JAEGER, W.. *Cristianismo primitivo e paideia grega*. Trad.: Daniel da Costa. Santo André: Academia cristã, 2014.
- LEMONS, T. C. *Entre os Fios da Urdidura: a tecelagem como linguagem frente ao silenciamento feminino*. Brasília: Universidade de Brasília, Brasília, 2020. (Monografia de Licenciatura)
- LEWIS, C. S. *Os quatro amores*. Tradução: Estevan Kirschner. 1 ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.
- LIDDELL and SCOTT. *Greek-english Lexicon*. 7. ed. Nova Iorque: Oxford, 2001.
- LIRA, D. P. de. O argumento das artes mânticas no ‘Corpus Hermeticum’. *Griot: Revista de Filosofia*, v. 17, n. 1, p. 283–303, 2018. Disponível em: <<https://www.ssoar.info/ssoar/handle/document/60347>>. Acesso em: 07.10.2022.
- LOPES, E. S.. O desejo dos anjos. *Educação e Filosofia*, v. 27, p. 503–524, 2013. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/13769>>. Acesso em: 07.10.2022.
- LUDUS. In: *WIKCIONÁRIO o dicionário livre*. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: <<https://en.wiktionary.org/wiki/ludus>>. Acesso em: 07.10.2022.

MARINOFF, L.. *Classical Greek Love: Eros, Philos, and Agape. Lectures Bureau*. Publicação sem data informada. Disponível em: <<https://www.lecturesbureau.gr/1/classical-greek-love-eros-philos-and-agape-1464/?lang=en>>. Acesso em: 07.10.2022.

MARTINS-SILVA, P. de O.; TRINDADE, Z. A.; SILVA JUNIOR, A. da. Teorias sobre o amor no campo da Psicologia Social. *Psicologia: ciência e profissão*, v. 33, p. 16–31, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/5JMDBw5ZhbQx7yddL4nb7tS/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 07.10.2022.

MORAES, G. L. de. Os demônios de Santo Agostinho. *Revista de Estudos Filosóficos e Históricos da Antiguidade*, v. 21, n. 30, 2017. Disponível em: <<https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/cpa/article/view/2685>>. Acesso em: 07.10.2022.

NEPOMUCENO, B. A.. *A gargalhada dionisiaca: os sentidos do riso e do cômico na filosofia de Nietzsche*. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, 2017 (Dissertação de Mestrado). Disponível em: <<https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/8718>>. Acesso em: 07.10.2022.

OLIVEIRA, L. O amor como estado da alma (páthos) em Plotino. *Revista Archai*, n. 10, p. 85, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/archai/article/view/8367>>. Acesso em: 07.10.2022.

OLIVEIRA, T. A. F. de; SCHILLER, S.. As relações entre a filosofia e o cristianismo nos primeiros séculos. *Helleniká — Revista Cultural*, v.2., n. 2, jan/dez, 2020. Disponível em: <<https://fasbam.edu.br/pesquisa/periodicos/index.php/hellenika/article/view/214>>. Acesso em: 07.10.2022.

ONFRAY, M.. *O cristianismo hedonista*. Trad.: Monica Stahel. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008. (Contra-história da filosofia; v. II)

PHILAUTIA. In: *LEXICO. OXFORD: Oxford University Press*, 2022. Disponível em: <<https://www.lexico.com/definition/philautia>>. Acesso em: 07.10.2022.

PLATÃO. *Banquete, Fédon, Sofista e Político*. Trad.: José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. 2 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Coleção Os Pensadores)

POTTER, B.. The Odyssey: Be Our Guest with Xenia. *Classical Wisdom*.
Publicação: 19.04.2013. Disponível em:
<https://classicalwisdom.com/culture/literature/the-odyssey-be-our-guest-with-xenia/>. Acesso em: 07.10.2022.

RAUEN, M. G. Paidia e Ludus: tipos e graus de interatividade na cena. *CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC*. 2008. Disponível em:
<https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/023/MARGARIDA_RAUEN.pdf>. Acesso em: 07.10.2022

SERRANITO, F. A. M. *O fenómeno da Mania no Fedro de Platão*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2008 (Dissertação de mestrado). Disponível em:
<<https://run.unl.pt/handle/10362/34851>>. Acesso em: 07.10.2022

SOMET, Y.. A África e a filosofia. *Revista Sísifo*, v. 1, nº 4, 2016. Disponível em:
<https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/yoporeka_somet_-_a_África_e_a_filosofia.pdf>. Acesso em: 07.10.2022

SOUZA, O. M. de. *O cristianismo primitivo e a cultura clássica: a formação do homem cristão*. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2004 (Dissertação de Mestrado). Disponível em:
<<http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/5995>>. Acesso em: 07.10.2022.

Storge. In: COLLINS, *Collins English Dictionary*. Glasgow: HarperCollins, 2022. Disponível em:
<<https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/storge>>. Acesso em: 07.10.2022.